

Quando os pais optam pelo Externato João XXIII, estão a escolher um Projeto Educativo, cujos eixos principais são os valores e os afetos. Os resultados, que também são importantes para nós, não se sobrepõem à criança, cujo desenvolvimento depende de um equilíbrio nem sempre fácil de alcançar entre a disciplina e o afeto.

No nosso modelo a criança está no centro, mas a nossa atenção também está focada em contextos que, direta ou indiretamente, contribuem para a sua construção. Para nós cada criança é irrepetível, não privilegamos formatações, respeitamos as diferentes etapas de desenvolvimento e os ritmos de cada criança. Sem pressas. Avançamos quando sentimos que a criança está preparada. Estimulamos sem queimar etapas. Porque para nós a criança tem uma palavra a dizer, não é uma mera peça de barro que moldamos a nosso gosto. Tem um temperamento, uma história, que nos interessa e conta. Os pais estão cá, assim como outros atores significativos, com quem não esquecemos de estabelecer e manter pontes.

Para nós a exigência é indissociável do equilíbrio emocional, por isso apostamos na continuidade e na construção progressiva da autonomia.

Para nós a exigência é indissociável do equilíbrio emocional, por isso apostamos na continuidade, na estabilidade e conseqüentemente na construção progressiva de autonomia, que permite à criança sentir-se segura face aos diversos desafios com que vai sendo confrontada. A criança que parte de uma base segura constrói um modelo interno, que lhe permite desenvolver a autonomia necessária à transição de cada valência.

Conosco a aprendizagem não anda sozinha, caminha lado a lado com o afeto característico das relações saudáveis estabelecidas entre a criança e o adulto, que é uma referência sólida e segura. Só assim nos é possível ponderar aprendizagens significativas, que não dependem apenas de um contexto formal, mas que se alargam

a horizontes, que não cabem dentro de quatro paredes.

A criança é uma pequena exploradora. É parte ativa na construção das suas aprendizagens. Cada vez mais autónoma, cada vez mais segura, tem o tempo que precisa para realizar uma interiorização progressiva do adulto «*securizante*», que não faz pela criança o que ela é capaz de fazer sozinha. Que contém a criança, sempre que esta o segue com o olhar ou precisa de colo, sempre que necessita de ser encorajada ou carece de ouvir “*não*”.

Estamos cientes das enormes diferenças que caracterizam as diversas valências, assim como somos sensíveis às transições, tantas vezes mais dolorosas para os pais do que para as próprias crianças. Por vezes podemos sentir que

as nossas crianças são menos capazes do que realmente são, que estão indefesas quando, de facto, já têm ferramentas suficientes para fazer face a desafios que imaginamos desestruturantes. Por isso mostramos tanta surpresa quando a adaptação corre bem, quando as crianças se mostram capazes de respostas seguras em que nunca acreditámos. Mas elas lá vão fazendo o seu caminho. Vão crescendo. E apesar de cada vez mais autónomas, não deixam de levar os pais, não deixam de levar a educadora ou a auxiliar, o professor titular ou o diretor de turma. Os afetos, os valores, os adultos e os amigos são tijolos que fazem parte do caminho que é crescer.

Este percurso não é sempre a direito, nem se faz sem dificuldades. Dão-se muitos passos atrás. Os atritos e os obstáculos são desafios que permitem crescer, são oportunidades para aprender a não desistir. São as dores de crescimento. E por muito que nos custe, não devemos remover as pedrinhas que encontram no caminho, pelo menos as que sozinhas conseguem ultrapassar. Temos de ter a coragem de confiar nas suas capacidades. E no caminho que já fizemos com elas.

Não podemos pôr tudo em causa à mínima dificuldade. Temos de ser humildes e serenos. Há muito tempo que

**Cada valência
conhece a seguinte,
valoriza-a,
não fala uma linguagem
diferente.
Não estabelecemos
uma hierarquia de
valências.
Todas contam e pesam.**

sabemos que não conseguimos controlar tudo. Somos uma base segura não ditatorial. Em nós há sempre espaço para a criança. E sempre que ocorre algum erro, e vai acontecer muitas vezes ao longo deste tempo, arregaçamos as mangas e tentamos fazer melhor. Juntos. O erro nunca nos afligiu. É parte de nós. A sua ausência nunca faria de nós melhores pessoas.

Quando olhamos para um caminho que vai da creche ao 9º ano, pensamos na especialização de cada etapa, mas também no diálogo que cada valência tem de estabelecer com as valências mais próximas. Cada valência conhece a seguinte, valoriza-a, não fala uma linguagem diferente. Não estabelecemos uma hierarquia de valências. Todas contam e pesam. Todas têm uma palavra a dizer. Cuidam umas das outras.

Não imaginamos um desenvolvimento compartimentado. Interessa-nos o presente, mas não esquecemos o passado, assim como não deixamos de ponderar o futuro. Cada valência cuida a próxima etapa sem deixar de desfrutar o presente. Promove a autonomia e encoraja a exploração activa. No fundo vai dando o peixe até ser possível ensinar a pescar. Até ser possível à criança (adolescente) pescar sozinha.

Bom, na verdade, depois da construção de autonomia não deixam de ir algumas vezes juntos para alto mar. Assim como nunca deixam de partilhar o produto dessa pescaria.

Na creche surgem os primeiros hábitos, a vida que se organiza entre o comer e o dormir. Chegam as primeiras aquisições, os sorrisos, o sentar, a palavra, o andar e mais tarde o abandono das fraldas. O adulto nunca vai estar tão perto e os pares por muito perto que estejam, nunca vão estar tão longe.

No jardim-de-infância as descobertas e o brincar confundem-se com o faz de conta. Estamos no reino da fantasia e os amigos começam a existir. É o início da descentração afetiva e cognitiva. É o início do pensar o outro, que não mais irá parar.

Na pré o brincar anda de mãos dadas com as primeiras letras e com os primeiros números. E a educadora cruza-se com o desenvolvimento estruturante da seriação, da classificação e da conservação.

No 1º Ciclo, a leitura e a escrita ajudam a pensar de outra maneira. O mundo começa a ser visto com outros olhos. E é um mundo vasto. Um mundo de aprendizagens, de afetos, deslumbrante, que o professor titular não deixa de descortinar e de mostrar. É a última vez que um professor está tão perto durante tanto tempo. Cuida das aprendizagens, das dificuldades, da qualidade das relações entre pares, vigia as refeições e os recreios. Como se cada criança da turma fosse um vinco da palma da sua mão. Pensa e sente o pensamento e o sentimento de cada aluno sem que este precise de vocalizá-lo. Adivinha-o. Porque pura e simplesmente está. É pai e é mãe em simultâneo. É cada vez menos educadora e cada vez mais diretor de turma. Sem nunca o ser.

A entrada no 2º ciclo é bem capaz de ser a primeira de muitas vezes em que a criança julga ter crescido, continuando pequenina. Ou que pensa saber algo, continuando, na verdade, ignorante em relação ao assunto. Deve ser por isso que são precisos pelo menos 8 ou 9 professores para provarem que ainda não se sabe tudo.

Durante este ciclo, o adulto começa a ficar mais pequenino. Ao contrário dos pares, que exercem cada vez maior influência. Mas o professor continua lá. Presente. Espreita de longe para o que der e vier. E sempre que é preciso, intervém, conversa, apazigua.

Sem notar é possível que já tenhamos transitado para o 3º ciclo. É a adolescência no seu esplendor. É um manancial de transformações. Físicas, químicas e psicológicas. As crianças têm de habituar-se a ser adolescentes e os professores têm de lidar um dia com a criança e no dia seguinte com o adolescente e no outro novamente com a criança. Todos os dias uma surpresa de avanços, solavancos e recuos. Todos os dias novos problemas para lidar, sem solução, evidentemente. Novas matérias, disciplinas. Aqui acontece um fim do mundo todos os dias. Que como não poderia deixar de ser é dramático. “*Já viu stôr!*”. E o colega que era de tal maneira e agora já não é o

**Connosco a
aprendizagem
não anda sozinha,
caminha lado a lado
com o afeto
característico das
relações saudáveis
estabelecidas entre a
criança e o adulto.**

mesmo! E os exames? Ai os exames. E as perguntas, sempre em maior número que as respostas, na orientação vocacional. E o cuidar da transição para o Ensino Secundário. E o fôlego para isto tudo? E, claro, os exames.

No final vamos todos para alto mar. E esperamos. Esperamos e remamos. Porque a escola também se faz de muita espera. Espera e paciência. Por vezes, nem vamos juntos, encontramos-nos nesse mar imenso e paramos os barcos para mostrar o nosso peixe. E voltamos a partilhá-lo. O melhor que sabemos e podemos. Generosamente. Sempre que partilhamos o nosso peixe vai com ele um pedacinho de nós. É assim mesmo que deve ser. Em todas as valências. Em todas as idades.